

ESCRITORIO
118 RUA DO OUVIDOR 118
PROPRIEDADE DE
A. AZEVEDO & C.
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
ANNUO 12.000
SEMANTE 6.000
TELEPHONE N. 468
A redacção não se obriga
a restituir os autographos que lhe
são enviados.

Diário de Notícias

REDACÇÃO CHEFE — RUY BARBOZA

TYPOGRAPHIA
118 RUA DO OUVIDOR 118
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
ANNUO 12.000
SEMANTE 6.000
NUMERO AVULSO 40 RS.
As assignaturas começam
em qualquer dia, terminando sempre
em fim de semestre.

Anno V --- Num. 1.413

RIO DE JANEIRO---Sabbado 27 de Abril de 1889

Numero avulso 40 rs.

TELEGRAMMAS

Serviço especial do 'Diário de Notícias'

Recorde, 26 (As 4 horas da tarde).
O telegramma do Ouro-Proto, dirigido
às redacções da *Gazeta de Notícias* e
Diário de Notícias, a respeito de Silva
Jardim, é um grão de pó de mais.
As notícias alludidas são mulheres
mundanas. Como mineiro republicano,
protesto contra os meios tão baixos que
empregavam com o fito de desmoralizar
o partido.—*Zefirino Chaves.*

Centro Telegraphico

DA IMPRENSA
Lisboa, 26.
O paquete alludido *Olinda* sahio hoje
para a Bahia, Rio e Santos.

S. Paulo, 26.
Chegou hoje de Campinas o dr. Do-
mingos Freire, que vacinou aldo numero
de pessoas contra a febre amarilla.

S. Paulo, 26.
A policia prendeu na madrugada
de hoje 12 ratones e vagabundos: nos
primeiros está sendo instaurado o pro-
cesso criminal e os ultimos terão de
assigurar termo de bom-viver.

S. Paulo, 26.
Em socorro às victimas da epide-
mia na cidade de Campinas foram en-
viados 1.300 em dinheiro e mais socor-
do de café e farinha de milho e grande quan-
tidade de frangos.

S. Paulo, 26.
Consta que o dr. Domingos Freire
vacinou hoje as pessoas que o procura-
ram, regressando amanhã para a corte.

S. Paulo, 26.
Annuncia-se nova viagem do ar-
barão de Jaguaré e dr. Luiz Barreto a
Campinas, devendo partir amanhã.

S. Paulo, 26.
Acha-se nesta capital o senador
Candido de Oliveira.

S. Paulo, 26.
No proximo domingo segue para a
corte o dr. Launoy Godofredo, de-
putado republicano pela provincia de
Minas, que vem tomar assento na cam-
mara temporaria.

S. Paulo, 26.
O dr. Freire enviou para a corte
amostras das aguas de Campinas, afim
de serem submetidas a exame chimico.

S. Paulo, 26.
O dr. Domingos Freire segue aman-
hã para a corte, sendo a viagem
apressada por motivo urgente.

S. Paulo, 26.
Em Campinas praticam mais de du-
zentas inoculações, incluindo o de con-
tinuar o serviço o dr. Angelo Simões.

S. Paulo, 26.
Nesta capital fica encarregado da
vacinação Freire o dr. Miranda Aze-
vedo.

S. Paulo, 26.
O dr. Freire achou a cidade de Cam-
pinas em pessimas condições sanitarias,
reimando febre amarella e pulsture de
caracter muito grave.

S. Paulo, 26.
Consta que Freire se amanhã o
banquete oferecido ao senador Antonio
Prado.

Santos, 25 (Retardado).
Amigos do dr. João Cardozo offere-
ceram-lhe hoje, aniversario natalicio
de seu pae, o barão de Paranaíba, um
banquete de despedida, durante o
qual foram saudados ambos a imprensa
de corte.

Santos, 26.
O dr. João Cardozo, apesar de en-
fermo, parte amanhã.

Santos, 26.
Eleva-se a 15.694 a subscrição para
a instituição de um asylo de orphãos
desta cidade.

Santos, 26.
Após alguns dias de chuva miúda,
debutou uma formidavel tormenta, que
se hoje cessou.

Santos, 26.
Não obstante, continua ainda bas-
tante elevada a temperatura.

Santos, 26.
A epidemia não se acha extinta,
apesar do que se tem propagado, sem
fundamento para isto; é certo que são
raros os casos novos, mas quasi todos
os que apparecem são muito graves e
perigosos.

Santos, 26.
Entraram hoje 9.812 sacas de café,
e foram vendidas 7.000 ditos.

Santos, 26.
Morceado calmo e frio, cotando-se
a 53900 a qualidade superior.

Santos, 26.
Stock 342.000 sacas.

Santos, 26.
Cambio bancario sobre Londres 270/16.

Santos, 26.
Eia o movimento dos hospitaes do
epidemias: entraram 10 enfermos, fu-
leram 6 e tiveram alta 12; existem
11.

Santos, 26.
Seguiu para a capital o dr. de
Cunto, enfermo, sendo acompanhado
pelo academico Leite.

Santos, 26.
Hontem houve alguma chuva.

Santos, 26.
Na generalidade os casos novos de
epidemia são abortivos, melhorando os
enfermos ao segundo e terceiro dias.

fronte do grande numero de expensas, o
agredido em sua propria casa, bem
como a Domingos Adam Corquira
Lima, aos quaes elle Gentil attribue a
autoridade da aggressão que soffrera.

O coronel Gentil declarou no subde-
legado que mandara buscar 40 capangas.

A população está aterrada e é gra-
vissimo o que se passa, estando as
estradas interceptadas e faltando força
para manter a ordem publica.

Bahia, 26.
O dr. Felipe Daltro foi nomeado
chefe de policia interno e segue aman-
hã para Ilheus com uma força, afim de
abrir inquerito sobre os successos d'a-
quella cidade.

Sabre-se por telegrama que o admi-
nistrador e o escrivão da mesa provin-
cial do Ilheus fecharam esta repartição,
por estarem aquencidos da morte, di-
zendo-se tambem que o coronel Gentil
promettera matar o subdelegado de
Ilheus.

Sob proposta do deputado A. Her-
culano Ladião, a assembleia provincial
tambem na sexta um voto de pesar pelo
fallecimento do padre Arsenio da Fon-
seca, membro d'essa corporação.

Annuncia-se aqui o dr. An-
tonio Góes, presidente da provincia
de Pernambuco.

Pernambuco, 26.
O heri beri está grassando epide-
miamente no presidio de Fernando de
Noronha.

No decurso d'este mez já morreram
alli 20 pessoas d'essa molestia e con-
ta-se 30 enfermos.

A presidencia da provincia expedio
um vapor da companhia Pernambucana,
levando medico e ambulancia para
socorrer a população de Fernando de
Noronha.

Pernambuco, 26.
A taxa bancaria para cambio sobre
Londres é 37 1/8, mas tem-se feito trans-
acções a 37 1/4.

Pernambuco, 26.
O paquete Maranhão segue hoje para
o sul.

Rio Grande do Sul, 26.
As noticias das campanhas referem que
as ultimas chuvas causaram extorridis-
simas enchentes e transbordamento dos
rios, o que muito tem prejudicado a
agricultura e o commercio pelos estragos
produzidos nas lavouras e nas es-
tradas, que se tornaram intransitaveis.

Rio Grande, 26.
O paquete Rio Negro é esperado a
30 de corrente.

Rio Grande do Sul, 25 (Recibido hontem).
Falleceu hoje o barão de Villa Isabel,
rico proprietario, cuja fortuna é calcula-
da em 400.000.000.

Fez testamento, dispondo que os seus
herdeiros e descendentes, residentes
em Angola dos Reis, tenham o usufructo
das oito chacharas que possue na ilha
dos Marinheiros; assim como deixou
numeroso legado da Escola Normal e so-
ciedades de beneficencia, a orphãos e a
libertos no Brazil e em Portugal.

O fiasco era tio do visconde de Ouro
Preto.

Ouro Preto, 26.
O dr. Silva Jardim seguiu para Queluz
e visitará o dr. Paulo de Fretes da confe-
rencia dos incontinentes.

Foi bem acolhido aqui e muito vi-
torioso na hora da partida.

Ouro Preto, 25 (Recibido hontem).
Em trem expresso chegou hoje o dr.
Silva Jardim, sendo esperado na estação
por muito numero de curiosos e de
principaes edificações da cidade realizou
uma conferencia, obtendo muitos ap-
lausos do numeroso auditorio.

A noite organizou-se uma passeata
em homenagem ao dr. Silva Jardim.
A multidão nas ruas era grande e as
festas correram em paz.

Foi assistida a primeira pedra do
novo edificio da Escola Normal, assis-
tindo a esta sollemnidade o presidente
da provincia e seu secretario, muitos
funcionarios e os representantes da
imprensa.

S. João del-Rei, 26.
A população sensata deplora as ag-
ressões do dia 23 por occisões da confe-
rencia de Silva Jardim.

O predio do hotel ficou muito danifi-
cado pelo apedrejamento, cujos vestigios
estão patentes.

Os desordens chegaram a ponto de
abrir a porta e atearam fogo, o qual foi apor-
gado pelo padre Castro.

São indigitados cheques da depen-
dencia do dr. Paulo de Fretes da conferen-
cia e influencias do partido conser-
vador.

O quartel de policia fica a 30 passos
da dependencia do local em que se deram
as aggressões.

Recibido, 26.
Os habitantes de Campos Elizios re-
ceberam hoje processionalmente as ima-
gens de S. Sebastião e S. Benedicto,
adquiridas por subscrição popular para
se fazer preces pela cessação da epide-
mia. O povo está muito animado pela fé.

Um campo bello appareceu hoje
em meio grave da epidemia.

O sr. F. Paulo de Fretes da corte,
enviando a delegação do Itatiaia 50 vidros
com fructifugo Carvalho, para serem dis-
tribuidos aos pobres.

Uberaba, 25 (Recibido hontem).
Nesta cidade jamaiz houve festas tão
brilhantes como as da inauguração da
via-ferrea.

Avalia-se a multidão que percorria
as ruas e a linha ferrea n'uma distan-
cia de dois kilometros em 15.000 pes-
soas.

As ruas da cidade estavam ornamen-
tadas e cinco bandas de musica tocavam.

DIARIO DE NOTICIAS

CLEMENCIA IMPERIAL

Deixámos de proposito cessar os ap-
lausos ao acto de clemencia imperial,
que mandou rever os processos julga-
dos sob a lei de 10 de junho de 1835,
para emitir, com moderação, mas, ao
mesmo tempo com firmeza, o nosso pa-
rer.

Hão de fazer nos a justiça de acre-
ditar na sinceridade da nossa sym-
patia para com as victimas do captivo,
pelas quaes nos batemos, quando os
conversos da ultima hora sustentavam
que despertar a esperança de liberdade
na alma dos escravos, era pecar até con-
tra a caridade christã, revoltando o
franco contra o forte. Mas, devolvo-
l-o dizer em honra da raça liberada, não
vemos affinidade entre a sua causa e a de
crimes barbaros, a que a attenção da
oblição do se: moral pela condi-
ção servil não apaga o caracter odioso,
e cujos perpetradores essa mesma obli-
gação da consciencia inhabilita para a
convivencia social.

Applaudimos, sem reservas, a be-
nignidade imperial em cada um dos
actos de reparação, com que a corôa,
pelas as circunstancias de cada caso,
se propozesse a emendar as injustiças
do regimen cheio de injustiças e
excessos. Cada indulto, que baixasse
a prerrogativa real, teria o apoio e a
animação dos espiritos rectos. Larga
distancia vai, porém, entre essa na-
tureza de proceder e a adopção de uma
medida geral, como a que se traduz na
circular do ministerio da justiça de 23
de abril, medida que assume, pela sua
vaga amplitude, a physionomia de uma
deliberação politica, altera a natureza
do direito de graça, e derrama, em época
de grande intranquillidade, novos ele-
mentos de suspeita nas classes conser-
vadoras contra o Estado e profundos
motivos de sobressalto nas relações entre
as varias camadas nacionaes.

Se a corôa tinha em mente apenas
desempenhar uma vocação reparadora,
restituindo a liberdade a desvalidos,
que uma lei de excepção houvesse in-
fligido impio soffrimentos, estava em
suas mãos o meio: redobrar de activi-
dade no exame dos pleitos criminaes
contra escravos sob o dominio da ins-
tituição maldita, que expirou a 13 de
maio. Mas esta annuncio, esta ensea-
nação apparata, este prego solenne,
esta revogação virtual de uma lei, que
seja qual for a sua deshumanidade, não
é revogavel por arbitrio imperial, e
conquanto eliminado hoje do regimen
judiciario pela possibilidade material
de novas applicações, continua a vigor-
ar, pelo principio supremo da coisa
julgada, nos effeitos das sentenças que
autorizou, — essa feição de generali-
dade, esse cunho de soberania dos
sentimentos pessoas do principe rei-
nante, essa retumbante destinada a
fazer echos perigosos imprimem a
libertação imperial um aspecto, a
uso ver, grave e condemnavel.

Não era a primeira sexta-feira santa
e a atravessavamos depois da lei de 13
de maio. O anno passado, quando ainda
o governo não promettera a luta social
entre as raças, o aniversario do mar-
tyrio do Christo não inspirou os senho-
res do país essa providencia, ajudada
agora como o complemento natural da
abolição. Antes que, na guerra fra-
trida, cuja responsabilidade pertence
a politica imperial, se formulasse o
grito de morte da ex-escravidão, e as
allucinações para arrastar contra a
maioria da nação os libertos illudidos,
se accorresse o crime sob o suborno
da impunidade a sombra da herdeira
presumptiva, — a corôa não cobrera a
idéa, que se abia de annunciar com es-
treptuosos ostentação. A medida ver-
percutiu sonoramente, entre os iniciados
e iniciando na guarda da rainha; e
podem se calcular os effeitos de fas-
cinação e embriaguez, em animos entor-
pecidos ainda pela ignorancia alvar,
d'essas duas influencias convergentes:
o espectáculo da absolvição liberalizada
pela corôa aos crimes contra os senho-
res no t-mpo da escravidão, e a senha
do perdão futuro, prometido em se-
gredo, por parte da corôa, aos que a
defenderem contra os ex-senhores, ac-
cusados da intenção de revogar a li-
berdade.

O assumpto, portanto, não é simples,
como a muitos se affigiu: não pôde
resolver-se por considerações senti-
mentaes, ou phrases de effeito, como
se em que é habil especialmente o
nuestro ministro do imperio, a Egeria do
ministerio da justiça. Varias questões,
qual a qual mais grave, d'elle se sus-
citam: uma questão de oportunidade
politica, uma questão de equidade
penal, uma questão de direito publico,
uma questão de ordem social.

Certim não a idéa e o sentimento de
justiça, que devem guiar a legislação
e a administração penal, não se podem
condoar com o pensamento de de-
ixar de influir em beneficio dos con-
demnados sujeitos a uma pena, que se
liga a leis já extinctas, as mitigações
do regimen real applicáveis às causas
pendentes. Quando uma reforma decla-
rada impuivel certas acções, que as
leis anteriores consideravam como de-
lictos, os diminuiu grandemente o cas-
tigo comminado a certos delictos por
leis anteriores, repugna a essa lei que
subsistam condemnacões pronunciadas
em estado legal de coisas, que a nova
legislação declara injustas, ou excessi-
vas. Logico é, pois, que toda a vez
que se verificam discrepancias tão
graves entre a lei revogada e a lei de
ciada, cancelando se do quadro

DIARIO DE NOTICIAS

CLEMENCIA IMPERIAL

penal um crime, ou baixando-se nota-
velmente a sanção estatuida, se com-
prehenda sempre a injustiça de exor-
tar sentenças criminatorias baseadas
no regimen que se encerra, proven-
do-se nos casos occorrentes, em falta
de disposições legislativas, mediante
decretos de indulto.

Mas, nessa distribuição de equidade,
o poder soberano carece de ponderar
os elementos de apreciação hypothese
por hypothese, não obedecendo a pre-
disposições, que lhe possam tolhar a
imparcialidade, ou prejudicando, me-
diante uma benevolencia systematica,
a solidez da coisa julgada, que é uma
das exigencias fundamentais da ordem
social.

Dahi o movimento que ora se opera
entre os mais eminentes juristas con-
temporaneos, estabelecendo, para
isso que hoje entre elles se denomina
retroactividade benigna, regras de di-
recto positivo, e fazendo da commu-
cação das penas, nessa categoria de
casos, uma função dos tribunaes. Tem
aliás origens antigas essa evolução.

Havia cerca de um anno que se achava
em execução, na França, o codigo penal
de 1791, que limitava a vinte annos o
maximo das penas substituidas ao an-
tigo systema penal, e ainda continua-
vam a existir, nas galas e prisões, con-
demnados em grande numero segundo
as antigas leis a penalidades perpetuas.

A favor d'esses individuos de 1792, que
saíram a lei de 3 de setembro de 1792, que
entregou a revisão d'esses feitos aos
tribunaes departamentais, « para evitar
o arbitrio inherente aos rescriptos
de graça. » O projecto de codigo penal
italiano, votado em 1838, punta-se por
esse principio, em defeza do qual um
dos seus mais habéis propugnadores di-
zia, na camera dos deputados: « Não
se lhe pôde preferir o systema dos re-
scriptos de graça, que é occasionado a
arbitrios, e não permite a opinião pu-
blica apreciar as razões, que legitimam
o indulto. Ao systema que, caso por
caso, determinasse a graça, em contem-
plação da pessoa, superior é o que con-
sidera objectivamente a questão, e a
resolve por criterios impessoaes. »

Entre nós, porém, onde a legislação
penal deixou sem previsão as normas da
retroactividade benigna, o trabalho de
equilíbrio entre as novas leis e os ef-
feitos das antigas pertence ao poder
moderador. Calcule-se, pois, a delic-
deza d'essa função magistral, imagi-
nem-se os riscos de affastar a do seu
caracter prudencial, impellido a re-
solver por indulgencias geras situações
melindrosas como esta, em que a ques-
tão juridica se complica intimamente
com a questão social.

Duas opiniões emittira-se, ex., a que
nos oppuzemos: a irresponsabilidade,
mesmo moral, do rei nos actos de governo
e a vontade soa, no sr. d. Pedro II, da
estabelecer o casamento civil, neutra-
lizada por forças superiores a ella.

Contradizendo o nosso eminente an-
tagonista, affirmamos, e procuramos ex-
monstrar, a poder de dados positivos:
« que os reis são, não são moral, mas
politica e legalmente responsaveis,
quando exorbitam da neutralidade con-
stitucional; »

Que se o segundo imperador tivesse
querido o casamento civil, este seria
velh; entre nós.

Como nos rebato o sr. senador
Taunay?

Ainda não vimos cousa mais curiosa,
como amostra de teratologia logica.

Estranhando que fallemos no poder
pessoal do Imperador, e avertamos do
palaciano os que o contestam! Da
omnipotencia de co. os parece nos que
só duvida hoje, n'este paiz, o illustrado
senador por Santa Catharina, imagi-
nando por artista, nutrida pelas mais
respeitaveis tradições de familia no
ambiente imperial. Todos os partidos
na opposição clamam contra o vicio
chronico d'esse poder inconstitucional;
e, se ao subir ao governo, o tolema, e
acobertam, a opinião os apois sempre,
quanto opposicionistas, attribuido-lhes
depois as palliadas ao interesse da
posição que occupam. De onde con-
sistia qualquer aprendiz de dialectica
que « estafada » é a capa rita das
defezas do poder pessoal, e não a voz
perenne, que o accusa, por entre todas
as situações, do fundo do sentimento
popular. Mas a que proposito nos tráz
a baila o sr. senador Taunay o poder
pessoal?

S. ex. dissera, ha cinco ou seis dias:
« Perante Deus e pela constituição
jurada sobre os santos evangelhos, a
responsabilidade moral pertencerá, na
decretação da medida, unicamente a
toda auctoridade do parlamento e ao
gabinete, que tiver a gloria de apresental-a. »

Com estas palavras o nobre senador
pretendia affastar da corôa a respon-
sabilidade, ainda simplesmente moral,
do governo do Estado. O resultado é
precadado: a irresponsabilidade abso-
luta por que a responsabilidade moral
pode existir sem a responsabilidade abso-
luta, mas esta sem aquella é que
constituação moral, não a não ser nos
casos, que carregam as pastas,
deixando aos annos o poder. Mostramos
tambem a lei para isso exemplo de reis
trazendo-lhes ao seu cadafalso.

Para se aahir d'este passo, só se
affastaria ao passo antagonista dos
alternativos: ou mostrar que não af-
firmara a irresponsabilidade dos sobe-

DIARIO DE NOTICIAS

CLEMENCIA IMPERIAL

ranos, ou provar que desastinavamos da
boa theoria politica em consideraes-
como responsabilaveis.

Em vez d'isso, pincha-nos a. ex. esta
massa de ferro meteorico, onde se pe-
netra a marteladas:

« Para firmar em solidas bases o seu
longo libello accusatorio, busca o ab-
oluto polemico exemplos e mais exem-
plos na historia das monarchias euro-
peas, partindo, porém, de um falso e
gratuito pressupposto, isto é, de que a mo-
narchia que temos, é pouco mais ou me-
nos, igual a instituição que impera no
velho mundo, embora tambem cercada de
parlamentos e formulas constitucionaes. »

Não ha tal, sr. senador Taunay. Esse
pressupposto é seu, e não nosso. A nossa
monarchia não é, devia ser (porque a
sua organização constitucional lhe dá
esse molde) egual às monarchias rep-
resentativas, de que a Europa nos dá
modelos admiraveis na Inglaterra, na
Belgica, na Hollanda, na Italia. A pro-
pria Hespanha de Sagasta já nos servia.

Devia ser-o; porquanto, em materia de
monarchia, não ha senão dois tipos
sobreviventes e positivos: a autocracia
e a parlamentar. Tudo o mais é musica
de dilettanti. Infelizmente, porém, a
nossa monarchia não é nem prusiana,
nem britannica, mas uma applicação
especial da segunda e uma approxima-
ção usurpada da primeira: parlamen-
tario sem sinceridade e imperialismo
sem auctoridade. Não vieram, pois, os
nossos exemplos com o fim de estabe-
lecer similitudine entre o throno braze-
leiro e os thronos liberos no outro con-
tinentes, mas precisamente para os pôr
em contraste, mostrando que o primeiro
decahu da estíma publica em razão de
não ditar os segundos.

Dis o sr. senador que a monarchia
alli tira o seu prestigio, a sua força,
das tradições e da desigualdade de
castas, e, sem o menor consanguineito,
apella, até, para direitos emanados da
divindade. Engano de s. ex.: não ha
monarchia parlamentar, que conheça
castas, nem invoque origens divinas.

Algunas têm classes, e não castas, como
a Inglaterra. Mas esta facção social
d'aquelles paizes não implica com a or-
ganização politica, que presentemente,
em Inglaterra, é quasi a do suffragio
universal, e que, sob as instituições li-
beraes, que circundam alli a corôa, dão
ao Estado, na opinião dos proprios pu-
blicistas americanos, uma constituição
fundamentalmente republicana.

Acha o sr. senador Taunay que nós,
por aqui, destructivamos melhor sorte,
graças à nossa monarchia, que, « filha
das idêas americanas, ou do systema se-
guido pelo sr. d. Pedro II, não tem tra-
dições ferreas, que zelar. »

Ora, ponhamos luminarias. A nossa
monarchia é filha das idêas americanas?
Nós a suppunhamos filha de Benjamin
Constant e de Pedro I, cujas tradições
o nosso contraditório não tem por fer-
reiras, naturalmente porque o sangue
derramado sob o primeiro imperador
era extrahido a sanguessugas e conser-
vado em almofariz.

E que nos dizem do systema seguido
pelo sr. d. Pedro II? Verha cá o nosso
argumento de logica: não lhe parece que
trazer, como recommendação da mo-
narchia brasileira, os estylos do segundo
imperador, quando justamente o que
se ex. devia mostrar, é que esses estylos
não são designados, como nós affirma-
mos, importa resolver a questão pela
questão? O systema de Pedro II é
exactamente o que, a nosso ver, dete-
riora, no Brazil, a monarchia: e o sr.
senador quer convencer-nos da excel-
lencia d'ella precisamente com a exhi-
bição do vicio, onde nós apontamos a
causa da sua ruina.

Decididamente não nos entendemos.
Um de nós volta ao Genesee.

Agora o outro ponto do debate: a culpa
ou innocencia do Imperador na denega-
ção do casamento civil ao paiz. Nós afir-
mamos a culpabilidade imperial. Quem
só não pôde, n'esta terra, o que não lhe
aprovei, se não fez o casamento civil, é
porque não quis. Quem não hesitou em
abrir luta com a Egreja, para punir
bispos rebeldes, não tinha que recear
d'ella, se quizesse secularizar o ca-
samento. Não nos parecem mais estas
crazes. Como lhes redargue o senador
Taunay? Com a pyramidal resposta de
que a nossa opinião é um « contrassenso »;
pois imporia o mesmo que suppor coiza
abominaveis de « um homem bom, ho-
nesto, amigo sincero do seu paiz, com
todos os brazileiros reconhecem o sr.
d. Pedro II. »

Cá por casa ha mais tolerancia. Nós
comprehendemos perfeitamente que um
cidadão bom, honesto, amante do seu
paiz, possa, todavia, por erro deplora-
vel, mas involuntario, repugnar ao ca-
samento civil. Densia, o honrado senador
parte de um pressupposto falso, acredi-
tando que a nação inteira convenha
n'esse veredicto, que acclama no se-
gundo imperador um bom amigo do
paiz. Os republicanos, que não deixam
por isso de ser brazileiros, não pensam
em geral assim. D'entre os mesmos mo-
narchistas, é innumeravel o numero dos
que criminal a influencia do Imperador
como fatal ao progresso de sua patria.

Pedimos licença ao sr. senador, para
lhe declararmos que nós estamos n'esse in-
teresse, e nem por isso nos consideramos
denunciados. Como quer que seja,
porém, não vê s. ex. o erro indene-
scível, com que, pretendendo infundir
das qualidades meras de um honra-
vel a suas opiniões politicas?

Fiquemos por aqui. S. ex., que não
gosta de artigos estranhos, é o respor-
savel por este. Suppunhamos nós que
os trabalhos intelli ctos não se avilam
a metros que um escripto extenso po-
deria litterariamente curto, quando a idéa
o enche, e transborda, que outro, me-
tallicamente breve, pôde ser, na essen-
cia, extenso em dimensão, se não tem sub-
stancia, nem forma.

Findas ratão, porém, as nossas conta-
com s. ex., salvo algum hors d'œuvre,

DIARIO DE NOTICIAS

CLEMENCIA IMPERIAL

que nos tentos. O *Diário de Notícias* e o
illustre senador estão em pontos de vista
excessivamente oppostos, para que pos-
sam discutir em proveito do publico.
Portar contendas por simples amor pro-
prio é puerilidade, que nos não seduz,
e que a s. ex. tambem não agradará.

Voltemos a machar o publico, que se
obstina em nos ler as arengas estrididas,
até que Deus nos faça a mercê de in-
spirar-nos o genio de tratar as

